

À descoberta da cidadania



Textos: Felisbela Baião
Ilustrações: Vanda Rosário

FICHA TÉCNICA

À DESCOBERTA DA CIDADANIA

TEXTOS: FELISBELA BAIÃO | ILUSTRAÇÕES: VANDA ROSÁRIO

CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA | MUSEU JORGE VIEIRA

TIRAGEM 750 EXEMPLARES

Prefácio

Os temas tratados neste livro revelam parte do enorme trabalho realizado pelos alunos e professores de educação especial em articulação com outras áreas disciplinares. É o testemunho valioso desse trabalho por tudo o que ele acarreta e todo o trabalho que lhe está associado.

Os temas abordados são muito relevantes para a atualidade, pertinentes no que revelam, e inspiradores para novas abordagens. Alunos e professores podem explorar juntos novos caminhos do conhecimento e desenvolver temas que a todos dizem respeito.

É um livro verdadeiramente inspirador.

Maio de 2019

Pedro Soares Martinho
[Vice-Diretor do Agrupamento de Escolas n.º 2 de Beja]

Enquadramento

Tendo como base de trabalho o decreto-lei nº54, de 6 de junho de 2018, que visa a integração contínua da abordagem educativa, considerando os aspetos académicos, comportamentais, sociais, emocionais e os fatores ambientais para uma aprendizagem global, criou-se este livro como suporte ao novo enfoque dado à disciplina da Cidadania.

Os contos surgiram por necessidade de ter pontos de partida, tanto de ordem académica, como de ordem artística, colmatando as necessidades dos docentes. O livro foi um desafio que foi sendo construído conforme as diversas temáticas a ser abordadas em sala de aula.

Desta forma, a direção do Agrupamento de escolas nº2 de Beja resolveu apoiar as docentes nesta tarefa, disponibilizando materiais e aceitando desde logo esta iniciativa conjunta de ambas as docentes, pelo que agradecemos toda a contribuição para o projeto.

Da mesma forma, agradecemos ainda a parceria e a disponibilidade imediata da Câmara Municipal de Beja, em especial do gabinete da Cultura e Desporto, que desde logo consideraram o projeto de uma grande relevância para os Agrupamentos de Escolas de Beja.

As docentes
Felisbela Baião e Vanda Rosário



Mendigando

Ela viera da Romênia. Ainda o barco mal desaparecera ao fundo do mar, já ela e muitos outros corriam pelas praias, cada um na sua direção para evitarem as autoridades, era noite cerrada. O nevoeiro afastou-a dos vizinhos que a conheciam desde pequena. Todo o seu dinheiro ficara nas mãos dos que os trouxeram com promessas agora desfeitas. De cabelos emaranhados, já nem sabia qual era a cor original, tapava-os com um lenço de cores gastas. Tinha olhos escuros como a noite. Cobria-se de fuligem dia após dia, sem se poder lavar, a não ser no mar que a noite resguardava. O seu corpo magro, acobertado pelo vestido que trouxera para a viagem da sua vida, “a terra prometida”, ficara-lhe como única herança. Nesta altura era um farrapo, dançava-lhe sobre a pele, demasiado largo. Os sapatos, há muito gastos, comidos pelos passos que se cansara de dar, estavam quase sem solas.

Tantas vezes encontrara comida nos contentores do lixo dos restaurantes... Tantas vezes fora enxotada como cão sarnento, que mal conseguia aproximar-se de qualquer naco de pão, ainda que seco.

As pessoas havia deixado de olhar para ela com caridade. Ninguém lhe prestava atenção, nesta Lisboa de calçadas empedradas e pessoas com coração de pedra. Desconhecia a Língua Portuguesa, desconhecia os costumes portugueses. Nem se lembrava mais como se rezava a Deus por um milagre.

Sentou-se na berma de uma estrada, sem forças para continuar. Bebia as lágrimas que lhe percorriam o rosto, outrora belo, e comia o ar pesado e poluído da cidade deserta. Ninguém para a ajudar. Baixou o olhar, escondeu o rosto nas mãos.

De lugar nenhum, apareceu um carro conduzido por um homem. O carro encostou a uns metros de distância, o homem abriu a porta e saiu, vindo ao seu encontro. Sentou-se ao seu lado. Na pele tinha a mesma tonalidade do seu país. No rosto carregava as mesmas marcas. No entanto, tinha um ar cuidado e tranquilo.

Perguntou-lhe de onde vinha na sua Língua de origem, o que fazia naquele lugar, se tinha família em Portugal. Ela foi respondendo com a sua solidão, com os seus sonhos e enganos, com a sua fragilidade de quem nada tem.

Ele propôs-lhe ajuda. Ela aceitou. Levou-a para uma casa com gradeamentos altos. Ela afirmou que não se iria prostituir, não queria essa vida. Ele tranquilizou-a. Ofereceu-lhe guarida e comida, em troca de trabalho. Só tinha que ficar a pedir esmola na estação do metro mais próximo e não conversar com mais ninguém. Tudo o que recebesse dividiria com ele: 40 por cento para ela e 60 por cento para ele. Dessa forma, pagaria o quarto onde dormiria e a comida que lhe dariam. Pareceu-lhe razoável. Aceitou.

Naquela noite teria direito a um banho e a comida quente. Passou-a num sono solto, numa cama com colchão de verdade. Sonhou com a terra-natal, com a sua alegre infância, com os seus pais que morreram cedo, ambos com pneumonia. Sonhou com a amizade dos vizinhos e de como não tiveram forma de cuidar dela, sendo obrigados a fugir do seu país com a intenção de ganharem, de forma honesta, a vida. A vida que lhe falhara nos passos, que a enganara e empurrara para um precipício horrendo de solidão e fome. Acordou sobressaltada, vivenciando a fuga pela praia.

O sol estava a nascer por entre as frestas da janela minúscula e já a chamavam, aquela mulher sem nome. Levantou-se e comeu precariamente a primeira refeição. Deram-lhe a roupa com que chegara, mas lavada. Nas mãos colocaram-lhe um saco de pano carcomido e foram depositá-la na estação do metro. Sentaram-na à força e pousaram-lhe uma criança nos braços: adormecida.

Disseram-lhe que não valia a pena chamar por ela, que não acordaria, por estar drogada. Teria que fingir ser sua filha. Teria que pedir por ela e pela filha. Acrescentaram que a estariam a vigiar a todo o momento, e que a matariam se tentasse fugir, ou falar com alguém.

Mais uma vez o sonho transformava-se em pesadelo, como se o mel não existisse para a sua boca. De saliva amarga, de olhos salgados, esquecida das palavras amadureceu a situação.

Ali ficou, perdida. Atônita. Assustada. Concordara com aquele embuste. Acreditara que a ajudariam. Agora teria a sua vida e a de uma criança, de quem nada sabia, nas mãos.

Foi assim, com lágrimas nos olhos e verdadeira dor que pediu esmola o dia inteiro. Ela que agora só queria morrer...

Era a naufraga de uma viagem sem porto seguro, como tantas outras por aí...



A fuga do fogo

Ela era a Maria-Rapaz daquele monte. A Josefa deveria ter sido rapaz, o José, mas numa reviravolta do destino a mãe pariu uma rapariga. O pai, inconformado, chamou-lhe Josefa.

Vestiam-na como os rapazes: calças com peitilho, sempre desgastadas nos joelhos por causa dos jogos de futebol, camisolas largas arregaçadas e ténis sempre sujos e com furos que davam para ver o dedo grande do pé. Somente porque passava a vida a saltar vedações, a roubar frutas aos vizinhos, a correr dos cães e a subir às árvores com os restantes rapazes do monte. Ela era feliz. Os pais achavam normal.

Agricultores desde pequenos, semeavam as sopas que comiam diariamente, nos campos que haviam pertencido aos seus próprios pais, alimentavam-se dos animais que criavam soltos... Tinham uma saúde de ferro.

Ela fazia o que queria sem ter que se justificar. Era vista como mais um rapaz. Aprendia tudo o que eles deviam aprender e nunca se fazia rogada nas partidas que levavam a cabo aos velhos da vizinhança. Eram constantes as mentiras de roubos de animais, da morte de vizinhos enforcados ou caídos nos poços. Mas, quando iam verificar, eram sempre brincadeiras do bando da Josefa, que apesar dos seus 9 anos, era a líder do grupo. Naquele dia decidiu subir ao pomar e ir roubar peras antes de ir para a escola. Saiu cedo, ainda o sol mal raiava. De mochila às costas, levava preparado um naco de carne seca para dar ao cão dos romenos que viviam ali perto, para que ele nem ladrasse à sua passagem. Enquanto isso, ela subiu à pereira e tirou quantas peras achou conseguir transportar, para si e para o grupo.

No entanto, deu por si a olhar o horizonte e a ver fumo. Mas não era um fumo qualquer, era espesso e estava

a alastrar-se numa extensão grande. Quase podia sentir o calor a ascender-lhe às faces, apesar da distância. Ficou parada sobre a árvore, sem saber o que fazer.

De repente, ouviu o vizinho a chamar o cão e assustada saltou da árvore e saiu correndo para a escola.

Quando chegou, contou a sua peripécia na sala de aula, mas ninguém acreditou nas suas palavras. Pensavam que era mais uma brincadeira da Josefa e continuaram os seus afazeres. Pela hora do intervalo, ouviu-se uma sirene de bombeiros.

Nesse momento, todos se entreolharam e foram a correr para o pátio da escola. O terreno em torno desta encontrava-se coberto de eucaliptos e sobreiros e uma frente de fogo vinha a ganhar terreno na sua direção. As árvores abanavam, o calor subia em espiral e as pressões do vento imprevisível levavam a que umas se dobrassem para a esquerda, outras para a direita, outras para os dois lados, como folhas de papel. O fogo seguia o caminho que escolhia, mudando a todo o instante. Os acessos, inexistentes para os bombeiros, abriam o caminho do fogo rumo à escola livremente.

Os alunos e a professora encontravam-se petrificados a ver aquele cenário de destruição.

De repente, Josefa gritou para todos correrem para dentro do tanque do vizinho Venâncio. Uns não conseguiam correr, outros encontravam-se incapazes de andar, e ela arrastava-os a todos para dentro da água fresca. Foi buscar a mochila num ápice. A professora ajudou-os, arrastou-os também, sempre ajudada pela Josefa. Dos bombeiros só se ouvia a sirene, não viam quase nada, com tanto fumo escuro a circunda-los. Esperaram dentro de água.

A missão dos bombeiros é salvar pessoas e defender casas, mas por vezes, o melhor é deixar arder, esperar e controlar o fogo conforme a oportunidade. Quando o rádio falha e o sinal é ineficaz, não há muito a fazer, a não ser esperar.

Os bombeiros fazem turnos de oito, nove horas, e a labuta não para, estão sempre alerta nos quartéis. Aqui e ali, dormitam como e onde podem. Porém, a aflição de saber que existem vidas em perigo não promove o descanso necessário.

Por vezes, os soldados da paz estão ocupados com o fogo que se passa no solo e nem se apercebem do fogo que acontece por cima das árvores. E se o vento se acalma repentinamente, cai-lhes do alto tudo o que arde. O que é bastante perigoso para todos.

E quando a noite cai, as chuvas de estrelas e os remoinhos desenvolvem um bailado nunca visto.

Era a esse bailado que os meninos da escola de Josefa assistiam de dentro do tanque, tentando não respirar, maldizendo a fuga impossível e o facto de não terem acreditado na Josefa.

Agarravam-se uns aos outros, rezando orações em conjunto. Os olhos vermelhos por causa do fumo, chorando em conjunto. Valeu-lhes a mochila de Josefa com as peras roubadas, que foram trincando. Parecia que a vida iria terminar ali, no início da juventude.

Contudo, a madrugada chegou com um ruído de água a escorrer por perto e eles começaram a gritar por socorro.

Os bombeiros chegaram e resgataram os 10 meninos juntamente com a professora, acreditando que fora um milagre que os levara para aquele lugar.

Mas não, fora uma menina corajosa, uma Maria-Rapaz que os conduzira a todos à salvação. Josefa nunca mais voltou a roubar ou a mentir...



Da boca

Celebrava-se o dia da cidade e, por isso, era feriado. Maria estava deitada nos lençóis perfumados por aquela marca que anunciavam na televisão, como se isso fosse suficiente para sentir a ternura da palavra “obrigado” pronunciada pela boca do marido. Estava ainda feliz. Eram 8 horas quando sentiu uma dor aguda na nuca e acordou sobressaltada.

Costumava fazer dos desejos do marido uma ordem, só para o ver entrar em casa de sorriso no rosto e de beijos na boca, abraços nas ancas e aquele perfume arrebatador que lhe comprara no aniversário. Nesses dias, o tempo passava sereno, os sonhos bailavam-lhe nos pensamentos como bolas coloridas de sabão, rebentando de tanta ternura.

Tinha sempre o almoço e o jantar pronto. A mesa posta para dois, duas velas acesas, uma jarra de flores frescas apanhadas no jardim, que cuidava com as suas mãos, enfeitando o centro da mesa.

A casa encontrava-se sempre sem pó nos móveis, perfumados com o tal spray anunciado na televisão, que hidrata a madeira. O chão lavado e com cheiro a alfazema do detergente que vira na televisão. Todos os pormenores eram importantes para ele se sentir agradado na sua casa. A casa que ambos tinham comprado com um empréstimo pedido ao banco, mas que ela costumava pagar com os trabalhos manuais que fazia em casa. Uma bolsa cozida à mão, uma bainha nas calças da vizinha, as roupas de outra vizinha passada a ferro, um bolo de aniversário para o filho de uma amiga. Tudo lhe servia de formas de guardar o dinheiro para o empréstimo.

Escondia-o num frasco de salsichas atrás do arroz no armário da cozinha.

Tivera que pedir dinheiro a amigas tantas vezes, sobretudo quando ficava com um braço ou mão impossibilitada de se mover, ou quando as pernas não lhe permitiam manter-se em pé... Ele gastava o dinheiro que ganhava nas obras, carregando baldes de cimento, em bebida e mulheres. As amigas de Maria incentivavam-na a ir à Polícia, mas ela não tinha coragem, amava-o demais.

Como se o amor que lhe dedicava fosse suficiente para os dois, como na canção do festival que vira na televisão e achara tão bonita e romântica. Como se todo o trabalho que tinha pudesse tapar o mal que ele lhe provocava, como peneira que não oculta o sol, apenas o mantém menos quente durante um tempo.

O problema era grave. Sobretudo quando ele entrava e não gostava do aroma do cozinhado, porque preferia peixe e ela cozinhara carne. Ou quando os talheres não se encontravam simetricamente colocados. Ou ainda quando queria limpar-se às toalhas brancas depois do banho e ela só tinha as azuis lavadas. E se não tivesse o vestido da cor que, naquele dia, lhe parecia ser a que melhor lhe ficava...

Tantas tinham sido as horas em que a mudez não lhe valera de desculpa, sendo obrigada a limpar tudo o que ele atirava ao chão, sendo pontapeada. Outras tantas haviam sido as vezes em que ele pegava numa toalha molhada e a violentava no ventre para não deixar marcas. Uma das vezes atirara-a dos degraus da cozinha e fizera-a bater com a cabeça na ombreira da porta, deixando-lhe um golpe a sangrar, obrigando-a a mentir no hospital, dizendo que escorregara e batera na porta de um armário.

Mas, naquele dia acordara com uma dor na nuca, sem perceber o que se passava. Desorientada abriu os olhos e viu-o com um copo de vinho na mão, partido. Percebeu que ele a agredira novamente, sem razão aparente e não conseguiu dizer nada. Levou a mão à cabeça e viu o sangue nos dedos. Sentiu-se perdida, pois nem os vizinhos se importavam com os seus gritos. Fingiu-se desmaiar e ficou muito quieta na cama.

Ele resmungou algumas obscenidades, e vendo que ela não se movia, saiu de casa batendo com a porta. Ela levantou-se a cambalear e abriu a porta, averiguando se o via ou ouvia os seus passos na rua. Silêncio. Maria pegou na sua boca, na vergonha, no amor-próprio e na vontade, foi ter com a Polícia denunciando-o. Agora vive num abrigo de Apoio à Vítima, longe do paraíso daquele casamento.



O buraco negro

“Tinha 12 anos quando comecei a experimentar tomar os comprimidos da minha avó com bebidas alcoólicas em casa de amigos. Bem, não sei se lhes poderei chamar agora amigos, olhando para trás e sabendo todo o percurso que fiz. Sinto um sabor amargo ao nomeá-los e ao falar nos locais onde nos encontrávamos para fazer coisas proibidas. Até pareço os meus velhos a pensar assim, tipo: não andes com esses gajos de preto que não são teus amigos, ainda te levam para maus caminhos! E eu na minha...”[Solta uma pequena gargalhada nervosa].

Bebe um golo de água para afugentar algumas memórias dos pais, como se a água pudesse lavar o que se passara na sua vida.

“Aos poucos deixámos de curtir de tomar aquelas cenas, fomos querendo mais experiências que dessem pica. E os meus pais nem davam por ela, porque eu fugia pela janela do quarto, na calada da noite, e voltava antes de eles acordarem. Os meus velhos bebiam sempre uns copos à noite, e era limpinho, dormiam como anjinhos.” Tem os dedos trémulos, o olhar perdido no horizonte que é possível avistar da pequena sala com uma mesa à sua frente. O corpo magro coberto pela camisola suja e pelas calças de ganga já gastas. Os ténis são pequenos demais para o tamanho dos seus pés, e estão abertos na parte da frente.

“Por volta dos 15 anos comecei a fumar charros, sempre, tipo, arrançados pelos meus amigos mais velhos. Rou-bava dinheiro aos meus velhos para ajudar a comprar para todos. Éramos um grupo grande, tipo uns dez. Quando os meus velhos percebiam que lhes sacava dinheiro ficavam furiosos e davam-me cada carga de porrada...”

Os olhos ficam cheios de lágrimas, limpa o nariz com as costas da mão e continua...

“Quando percebi que não podia passar sem fumar os charros já era tarde. O dinheiro, tipo, já não chegava para nada. Começámos a organizar pequenos furtos a velhos da vizinhança. Assaltávamos as casas quando eles iam receber a reforma. Já sabíamos o dia e a hora a que podíamos entrar, tipo, sem sermos vistos. O pior foi quando um velho nos apanhou e um dos meus amigos teve que lhe bater para ele não gritar. O pobre ficou como morto. Tive pena dele...”

Baixa os olhos envergonhado, corando por instantes. Depois continua:

“Daí às drogas como a heroína foi um passo. A escola deixou de fazer sentido. As aulas, tipo, aborreciam-me bué. Os profs davam-nos lições de moral, e eu curtia de os desafiar. Quantas vezes me mandaram para a rua! Era isso que eu queria. Vinha procurar os meus amigos e íamos chutar para a veia nas escadas das casas próximas da escola. Quantos processos disciplinares me mandaram para casa! Não me recordo. Mas depois não acontecia nada, ficava uns dias em casa, o que me possibilitava andar a drogar-me à vontade. Na verdade, eu já não ia a casa. A não ser tipo, quando tinha fome. Os meus pais diziam à polícia que eu estava no quarto e não os deixavam entrar. Preferiam que eu não fosse para casa, tipo, só lhes arranjava trabalho e dívidas. Ninguém conseguia controlar-me. Nem eu!”

As lágrimas voltam a descer mais largas. Os sulcos do rosto enchem-se de mais vergonha.

“Começou o cerco pela bófia. Em todos os cantos encontrávamos algum a olhar-nos de lado. Os meus amigos espalharam-se. De repente vi-me sozinho, tipo a lutar para consumir mais e mais. Perdi a fome. Perdi a noção do que fazia. Andava pelas ruas, a dormir ao ar livre. Tipo, já não tinha frio nem calor. Não tomava banho, não fazia a barba. Fazia as necessidades atrás dos contentores do lixo. Perdi-me da vida.”

A sala torna-se mais pequena, como se as paredes o comprimissem. Abraça o próprio corpo num desespero

profundo.

“Quando a polícia me encontrou no Centro Comercial de arma na mão, tipo...eu nem sabia onde estava. Nem sei onde encontrei a arma, se a comprei ou ma colocaram na mão. Tipo, não tenho qualquer memória sobre os últimos meses. Não sei bem quando é o meu aniversário ou que idade tenho. Só sei que a minha mãe se chama Maria. O resto é tipo névoa. Não tenho cheiro nem sabor. Ouço sons mas não distingo nada. Deixei de sonhar.”
A polícia na sua frente olha-o com a ternura que uma mulher tem sempre mesmo ao fundo do coração. Pela segunda vez, fala-lhe com o hábito que a profissão trouxe:

“Calma. Vai correr tudo bem a partir de agora...”



Prisão

Lia-se no Facebook a seguinte mensagem privada: “ou me depositas o dinheiro na conta hoje, ou publico o vídeo e as fotos para toda a gente ver!”

Esta era mais uma das ameaças a que era sujeita dia após dia, no inferno virtual que a perseguia.

Recordava-se quando nem sabia abrir uma conta naquela rede social, e uma amiga a tinha ajudado. Escolheram a sua melhor foto em biquíni e colocaram o seu nome, a escola onde estudava, a cidade onde vivia. Mentira na idade. Era bonita, e tinha juntado muitos “amigos” que a elogiavam constantemente nas fotos. Gostava de se sentir desejada, apesar dos seus 13 anos. Pretendia tornar-se modelo fotográfico, dadas as suas potencialidades em comunicar com a câmara, e os seus atributos físicos, já tão bem definidos.

Havia um constante assédio por parte de rapazes da escola, e sobretudo por rapazes de diversos locais do país e mesmo do estrangeiro. Na verdade, ela não sabia o que significava a palavra “assédio”. A princípio considerava-o elogioso, e mostrava às amigas as mensagens que recebia e ria-se com elas.

Com o passar do tempo, as amigadas começaram a querer encontrar-se com ela, conhecê-la pessoalmente. Ela julgava normal, e encontrava-se com os rapazes da escola, trocavam meia dúzia de palavras, mas não se ligava a nenhum deles.

Mais tarde, iniciou uma espécie de relação de amizade com um rapaz de nome “Abílio”, que morava na cidade perto da sua, que andava num colégio particular e que era mais velho que ela dois anos. Assim se apresentara. Conversavam horas no chat. Sabiam tudo um sobre o outro, até quando faziam testes e as notas atribuídas.

Inclusive quando estavam doentes e a que médico iam, ou os horários de entrada e saída de casa. Tinham uma cumplicidade absoluta, criada num curtíssimo espaço de tempo.

Passaram a conversar pelo telemóvel e a enviar sms, possibilitando a sua constante localização. Namoravam mesmo antes de se conhecerem pessoalmente. Ela andava feliz, nas nuvens...

Um dia, combinaram o encontro, na cidade onde ele vivia, em sua casa, uma vez que os pais tinham viajado. Ela faltou à escola e foi de autocarro viver a sua primeira aventura. Não pensava noutra coisa, a não ser na confiança que tinha naquele namorado lindíssimo, alto e loiro.

Porém, ao descer do autocarro não conseguiu encontra-lo no meio da multidão. Sentiu-se um pouco perdida e ligou-lhe, imaginando que se teria atrasado.

Ouviu tocar um telemóvel mesmo a seu lado, mas não prestou atenção. Quando ele atendeu ouviu a sua voz perto, reconhecendo-a. Ao olhar a pessoa a seu lado ficou chocada: um homem de uns vinte e poucos anos, moreno e baixo olhava-a com ternura e olhos brilhantes. Nem queria acreditar no que estava a passar-se. Entendendo, por fim, o logro, tentou afastar-se, mas ele agarrou-a pelo braço. Quis gritar, mas não lhe saiu um único som, dado o pânico em que se encontrava. Ele abraçou-a, carinhoso e levou-a para sua casa, sempre a sorrir.

Ao entrarem, ela mal conseguia equilibrar-se nas pernas, nervosa. Engolia o medo a seco, e o seu cérebro encontrava-se parado. Não se recordava de como reagir.

Ele explicou-lhe que a amava, que desejava estar com ela. Pediu-lhe que tirasse as roupas, enquanto a fotografava. Ela não dizia uma única palavra e obedecia-lhe. No momento em que ele a foi beijar retraiu-se, mas ele obrigou-a a seguir as suas instruções, delicadamente. As lágrimas correram-lhe pelas faces, mas deixou-o fazer o que entendia com o seu corpo.

Foi a pior forma de perder a virgindade. A pior forma de viver o amor. A pior forma de descobrir o sexo. Assim que terminou, “Abílio” foi levá-la novamente ao autocarro. Despediu-se com um beijo na face e ficou a acenar-lhe sempre a sorrir.

Ela sentia-se imunda. O seu coração batia descompassado e as lágrimas não paravam de correr. Percebeu que fora enganada por um homem. Ele iludira-a, fazendo-se passar por alguém da sua idade. Não sabia o que fazer, nem o que pensar.

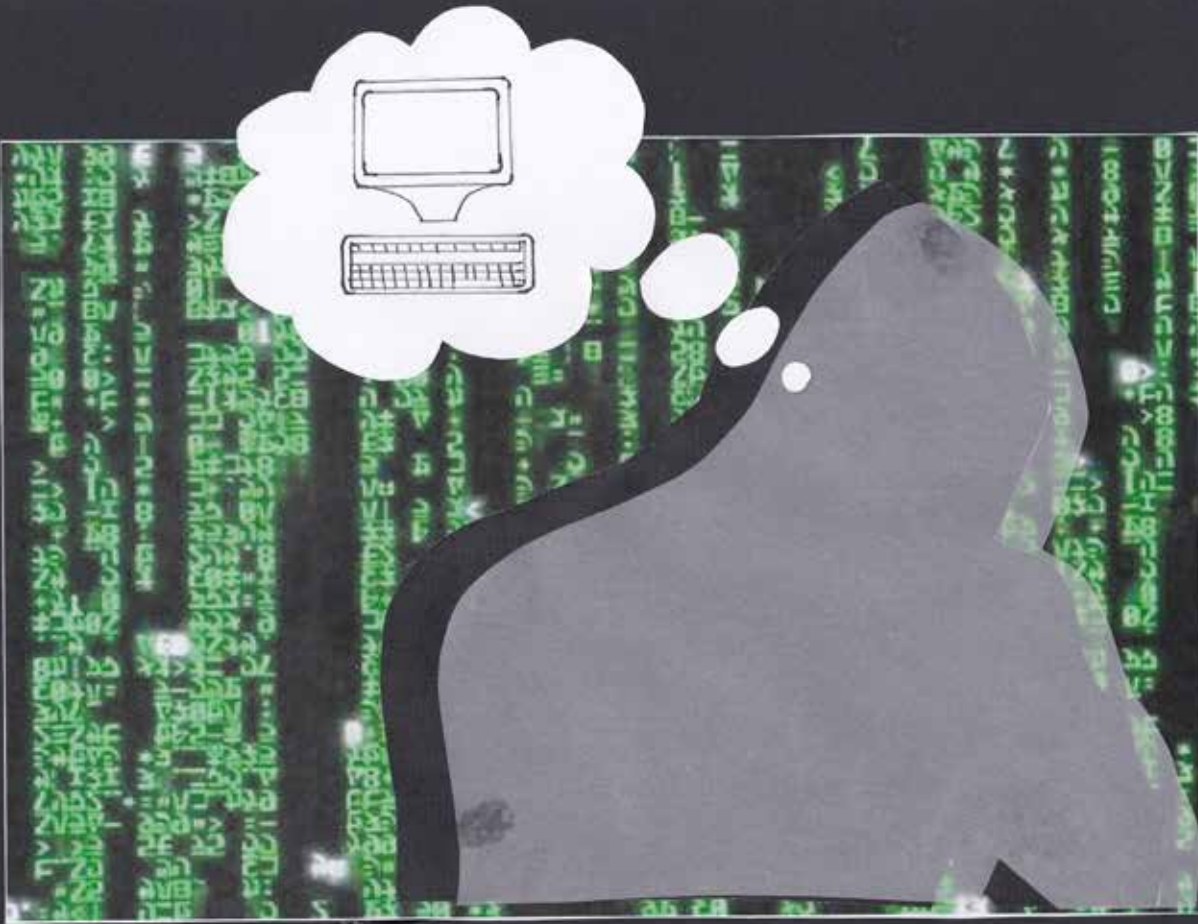
Chegada a casa foi tomar banho e deitou-se sem jantar, dizendo que estava cansada e sem fome. Não contou à mãe ou às amigas.

A partir desse dia, as ameaças começaram. Ele dizia que precisava de 20 euros para uma consulta, necessitava dela para o ajudar. Afirmava que iria à porta de sua casa, ou à escola, se ela não lhe depositasse o dinheiro na conta. Os montantes foram aumentando, a frequência dos pedidos também, a sua mesada diminuía...

Ela estava a emagrecer, os seus olhos cada vez mais fundos de preocupação. O medo instalara-se na sua vida. Os pais não sabiam o que fazer, pois desconheciam o que se passava. As amigas estranhavam o seu isolamento, mas ela não contava nada. Os professores assistiam ao seu descuido nas notas, mas ela não explicava nada.

Não suportando mais a situação, num dia em que os pais não estavam em casa, tomou os medicamentos da mãe para dormir, todos de uma só vez. Foram encontra-la inanimada e levaram-na para o Hospital. Fizeram-lhe uma lavagem ao estômago.

Nessa altura, ela resolveu contar o que se passava a uma enfermeira...



O jogo da vida

O despertador do telemóvel tocou às 7 horas em ponto, de resto como todos os dias. O cérebro do Jorge é que não estava formatado para aquelas horas.

Deitara-se quase às 6 horas da manhã. Estivera a jogar jogos de estratégia online, comandara as suas tropas, matara e fora morto centenas de vezes. Nunca desistia. Conhecia todos os truques, as formas de se proteger em cenários de guerra. Defendia e atacava, salvava o mundo constantemente, as aventuras nunca lhe faltavam. Os desafios eram constantes, as novidades sucediam-se no mundo virtual.

Na vida real, o cenário era bruscamente modificado: na escola era um aluno medíocre. Os professores diziam que não tinha falta de inteligência, apenas não se concentrava nas aulas. Adormecia constantemente sobre a mesa de trabalho, e tinha falta de regras em casa, pois quando o acordavam respondia com desagrado: “deixem-me em paz! Preciso descansar!”.

Era verdade. O seu rosto mostrava os sinais de que devia horas e horas de sono à cama. E ela cobrava-as nas alturas menos próprias. O corpo ressentia-se, apresentando um estado de magreza avançado, a cor de pele excessivamente branca, o cabelo demasiado crescido e os olhos fundos e escuros, completavam o quadro negro de um player compulsivo.

Fizera amigos no mundo virtual. Usava o seu nome, morada e número de telefone para se inscrever nas plataformas. Era uma condição para se manter contactável para os amigos. Por vezes, precisavam de pedir ajuda para concluir uma campanha, derrotar um inimigo, e ligavam-lhe, ou mandavam-lhe SMS.

Os colegas da escola não lhe interessavam, não tinham os mesmos interesses em jogos, não sabiam nada de estratégias. Além disso, dormiam cedo como as meninas, aceitavam as ordens dos pais, em resumo: eram uns totós.

A sua família era composta pelo pai, um guarda prisional, e a mãe, uma enfermeira, ambos trabalhando em turnos (umas vezes de dia, outras de noite, havendo alturas em que nenhum dos progenitores se encontrava em casa). Ele já era crescido, por isso, podia ficar sozinho durante a noite.

A mãe deixava-lhe sempre um beijo e comida no frigorífico. O pai confiava-lhe sempre o seu computador pessoal para trabalhos da escola.

Ambos consideravam o filho responsável e inteligente para tomar as decisões corretas. Porém, o cenário alterou-se quando foram chamados à escola para “tratar de assuntos relacionados com o seu educando”.

Acontecera algo insólito: a diretora da escola fora alertada para uma situação de agressividade junto aos portões da escola. Perante os factos, chamara os agentes da “Escola Segura”, que prontamente acorreram ao local, e os encarregados de educação do Jorge.

Alguns alunos que assistiram ao ocorrido referiram que uma viatura de matrícula espanhola, conduzida por dois rapazes, estivera parada junto ao portão da escola, até ao toque de saída para o almoço. Aguardavam o Jorge. Quando este saíra, ambos o agarraram e insultaram-no com impropérios, desferindo-lhe murros e pontapés pelo corpo. Os colegas, assustados, acudiram-lhe gritando por ajuda. Os agressores correram e fugiram no carro, conduzindo a alta velocidade, descurando sinais vermelhos, deixando um rasto de automóveis a buzinar, quase provocando acidentes.

A diretora informou-os de que os agentes da “Escola Segura” seguiram-lhes o rasto e os colegas tinham fotografado a matrícula do carro.

Os pais do Jorge ficaram incrédulos a mirar a diretora, a entreolharem-se de lágrimas nos olhos. Desconheciam o que gerara aquela violência. O filho encontrava-se numa sala a aguardar a chegada de uma ambulância para ir tratar dos ferimentos ao hospital, acompanhado dos pais.

Foi nesse momento, que o filho explicou que na internet havia uns indivíduos a que chamavam griefers, que passavam a vida a atormenta-lo e vieram tirar satisfações sobre as suas táticas nos jogos...

Griever - Um jogador multiplayer mal intencionado que, de má fé, irrita e atormenta deliberadamente outros jogadores dentro de um jogo.



A Boneca

Nasciam, todos os dias, manhãs agoniadas pelo leite que a ovelha teimava em doar. Aquela ovelha que tinha o nome de “Boneca” e a quem a menina dava pão endurecido nas suas mãozinhas pequenas.

Era a ovelha que acorria ao seu chamado e que aguardava a carícia e as confidências da menina agoniada, pelo leite da manhã. Para ser franca, todas as manhãs, a menina acordava sem fome e sem vontade de se vestir, e sem alegria para ir para a escola.

Na verdade, a menina adorava aprender a juntar as letras, a escrever palavras, a criar textos, a desenhar galinhas, a pintar patos e ovelhas. Raros se tornavam os dias em que os seus desenhos não enfeitavam os cadernos dos amigos.

Na realidade, a menina não tinha amigos, apenas uma quantidade de “outras crianças”, com idades diferentes da sua, ou da sua idade, que frequentavam a mesma sala de aula, mas que pouco tinham em comum com ela. Sobretudo na hora do intervalo, altura em que lhe roubavam o lanche, a empurravam para um canto e lhe chamavam “nomes de gente crescida”, daqueles que ela não se atrevia a reproduzir perto dos adultos, sob pena de apanhar uns açoites.

As suas amigas, verdadeiras, eram as meninas de timidez superior à sua, de cabelos cobertos de insetos estranhos, de nariz sujo e roupas remendadas.

A mãe recomendava-lhe que não se aproximasse delas, pois os seus cabelos compridos, cujo brilho e perfume eram o orgulho dos pais, adquiriam, usualmente, habitantes clandestinos, devido à convivência com elas.

Mas as suas roupas lavadas, nada tinham contra as nódoas dos vestidos alheios. Os seus sapatos brilhantes, não conheciam barreiras perto dos sapatos ornamentados por solas gastas. Ela só queria brincar em paz.

Porém, a paz, nada queria com ela. Quantas vezes travava a guerra, dentro da sala de aula, com o olhar feroz da menina da carteira ao lado? E, simultaneamente, o recreio era palco de agressões por parte de crianças mais velhas, constantes ameaças efetivas aos seus cabelos, pontapés verdadeiros às suas pernas de criança indefesa...

Quantas vezes, o seu orgulho a impedia de contar à professora a causa da sua tristeza constante?

E o motivo dos seus textos curtos – que eram causa de gozo por parte da menina de olhar feroz?

E o embaraço causado pelas dificuldades nas contas de somar, de subtrair, de dividir – que se tornavam a altura mais apropriada para a gargalhada de todos?

Que razões teria para ir para a escola? Sentia-se bem em casa, a ouvir o rádio com as suas músicas preferidas, que aprendia com a facilidade de quem está habituado ao palco.

Preferia as tardes em que voltava da escola, com o corpo moído e as negras encobertas pelas roupas, para se juntar às confidências junto da “Boneca”.

Ela sim era a sua melhor confidente: secava-lhe as lágrimas na lã grosseira, escondia-lhe os segredos nos olhos meigos...só não a podia aconselhar a dar outro rumo às suas manhãs agoniadas e a maneira de se ver longe das agressões na escola.

Até que num dia, como outro qualquer, um primo chegado, da mesma idade, veio viver para a mesma terra e a situação mudou...



Lúcia

A saia comprida rodava num rodopio veloz enquanto dançava. O verde dos olhos embrenhava-se no desejo de cada cigano em idade casadoira, tremeluzindo à luz dos candeeiros a petróleo. Os cabelos presos numa trança balouçavam ao ritmo da viola e das palmas, ao redor da fogueira. O perfil perfeito recortava-se no escuro da noite e a pele trigueira do corpo voluptuoso, era a chama que incendiava o desejo do sexo oposto.

Lúcia era a cigana mais bonita do acampamento. Ninguém diria que tinha doze anos. Ninguém entendia porque os pais a deixavam frequentar a escola. Desconheciam a razão pela qual o pai nunca a tinha prometido a alguém das suas lidações.

O orgulho que sentia na sua Lúcia impedira-o de tomar decisões. Porém, a barraca começava a tornar-se apertada com tantas propostas. Os dotes oprimiam a vontade férrea do pai e a mãe mortificava-se com o futuro, que pretendia promissor, para a sua filha.

Todavia, Lúcia era feliz, com os seus brincos de esmeraldas, os seus colares a condizer, as suas roupas mais próximas dos modelos das meninas “não ciganas” e a escola era o brinde que a encantava.

Diferente das irmãs e das primas, aprendera a ler, escrever, contar e ser. Num mundo de tabus, ela contava com a amizade dos “gadjés”* e apreciava a companhia do Tony.

O seu colega de carteira deslumbrava-lhe as ideias, tolhia-lhe a atenção sempre que falava. Envolvia-a num admirável mundo, que ela desconhecia.

Embevecida, aprendia cada significado, cada caminho, cada costume. Nos recreios conversavam, sempre que

os da sua etnia não estavam por perto.

Encontravam-se atrás do ginásio, num desafio à sorte, que poderia ser fatal para ambos. Foi nos lábios do Tony que Lúcia descobriu o primeiro beijo, aquele roçar num repente excitante. Foram os braços de Tony que a enfeitaram de afagos.

E no campo de trigo, próximo da vedação da escola, descobriram o prazer dos corpos.

Foi um primo que os descobriu num momento de distração. Que levou a novidade aos ouvidos dos ciganos.

Tony foi caçado como um animal, e os predadores arrancaram-lhe os olhos. Tony morreu esvaído em sangue.

Os responsáveis, impunes, seguiram as vidas em lugares longínquos.

Lúcia foi humilhada e excluída da família cigana. Os seus pais, depreciados, desapareceram a jusante do rio num barco.

Lúcia fugiu para casa de amigos distantes.

Hoje é advogada de causas que considera importantes, como o direito à escolha de noivo e outras semelhantes.

Nunca mais esqueceu o Tony. Nunca casou, mas isso tornou-se pouco relevante.

CHEGA

FALA

NÃO

SINAIS

MEDO



ATENTA

VERGONHA

ACABA

TUDO

Amor e mais amor

Quando Sandro a conheceu, encantou-se pelos cabelos loiros compridos. Diana parecia uma boneca de porcelana de pele branca, de olhos verdes e corpo magro, muito bem vestida. Ele estava a jogar futebol no pátio da escola e viu-a passar com amigas. O sorriso cativante chamou-lhe a atenção e, sem saber onde encontrara o atrevimento, piscou-lhe o olho.

Pouco tempo passado, ainda se encontravam no 8º ano, Sandro arranjou coragem e ofereceu-lhe o seu lugar na fila para o bar. Daí em diante, passaram a conversar sobre a demora do atendimento, a comida preferida, as injustiças das notas dadas pelo professor Rui... Aproximaram-se cada vez mais, chegando à conclusão de que andavam em turmas diferentes, mas isso não os impossibilitava de estarem juntos à hora do intervalo.

Diana mostrava-se muito atenta ao que Sandro lhe dizia e chegava mesmo a agarrar-lhe o braço para o manter junto de si, sempre que alguma colega se aproximava. Sandro ria por ver que Diana experimentava o ciúme (sentimento novo para ambos). Sentia-se lisonjeado, e abraçava-a para mostrar que era ela a sua namorada.

O namoro foi seguindo sem sobressaltos, e os dois passavam todos os intervalos juntos, de mãos dadas, a trocarem beijos e abraços. Deixaram de conversar com outros colegas, pois não havia tempo para dedicarem a mais ninguém. Tinham planos para o futuro. Encontravam-se agora no 9º ano e dedicavam-se a estudar e a trocar mensagens todo o tempo, quando não estavam juntos. Diana gostava de conhecer todos os locais que Sandro frequentava, e as pessoas que privavam com ele.

Ao chegarem à escola, num dia quente de verão, Sandro trazia uma camisola de basquete vestida, vermelha,

sem mangas, bem como uns calções da mesma cor. A roupa evidenciava-lhe os músculos bem torneados do corpo e a cor morena da pele. Os olhos pareciam ainda mais escuros sombreados pelo cap a condizer. Uma colega da turma, ao passar por ele, cumprimentou-o e ficou a olhá-lo suspirando.

Diana observou a cena e foi ter com Sandro indignada. De lágrimas nos olhos disse-lhe que não suportava vê-lo com aquela roupa, que ele queria certamente humilha-la na frente dos colegas, que devia voltar a casa e trocá-la se realmente a amava. Inclusivamente terminou o discurso a gritar. Sandro, boquiaberto não queria acreditar no que ouvia. Tentou que ela parasse de chorar, tentou abraçá-la, tentou mas não conseguiu. Mais uma vez acedeu ao pedido da namorada, encantado pelo amor que ela demonstrava por ele. Voltou a casa para a agradar e trocou de roupa.

Sandro estava cada vez mais certo da sua escolha. Adorava a namorada, fazia tudo para lhe agradar, e havia reciprocidade. Chegados ao 10º ano decidiram seguir a mesma área de ensino, dada a cumplicidade que mantinham. Ficaram na mesma turma. Diana e Sandro eram agora o casal mais bonito da escola.

Num dia de trovoadas, estavam a estudar no quarto de Sandro, quando este se ausentou para ir à cozinha buscar um copo de água a Diana. Esta aproveitou para ir espreitar o Facebook do namorado. Quando ele voltou, Diana encontrava-se transtornada pela quantidade de mensagens privadas de outras raparigas. A raiva toldava-lhe os pensamentos. Questionou-o, gritou-lhe improperios, e terminou com a expressão “não vales nada!”. O namorado argumentou dizendo que nem respondia a ninguém, nem abria as mensagens, as outras não lhe interessavam, era com ela que ele namorava. Mas Diana agarrou no candeeiro da mesa-de-cabeceira e atirou-lho, falhando-lhe a cabeça por centímetros. A mãe de Sandro, escutando os gritos e o ruído do objeto a quebrar-se, aproximou-se da porta do quarto. Bateu e abriu a porta, apaziguando os ânimos da namorada do filho. Diana pediu desculpas e afirmou que não voltaria a repetir um cenário daqueles, que estava nervosa com os exames

a aproximarem-se.

Quando Diana saiu, a mãe de Sandro chamou-lhe a atenção para o grau de violência da rapariga. Disse-lhe que achava aquele tipo de reação exagerada e que ele deveria ficar atento para que situações como aquela não se repetissem. Acrescentou ainda que ele deveria terminar o relacionamento se algo de parecido ocorresse no futuro. Sandro acreditava que ela não voltaria a fazer nada do género. Para isso bastava que ele a fizesse feliz. Amava-a muito e não podia imaginar a sua vida sem ela.

A época de exames passou e os resultados não foram os melhores para Diana. Ao ver as notas de Sandro no pátio da escola, em vez de ficar feliz por ele, puxou-lhe o braço com rispidez e levou-o para um canto onde não podiam ser vistos. Foi nessa altura que o agrediu verbal e fisicamente. Ele tentou segurá-la, afastar-se, chamá-la pelo nome...mas ela parecia enlouquecida. Sandro apanhou pontapés, joelhadas, estaladas e estava em choque. Quando conseguiu que ela o largasse, tinha o lábio superior rasgado e hematomas pelo corpo. Ao ver o olhar do namorado, Diana abraçou-o. Pediu-lhe desculpas e disse que estava descontrolada por causa dos resultados dos exames. Prometeu-lhe que algo semelhante não voltaria a acontecer, nunca mais. Saíram da escola abraçados, mas algo em Sandro se quebrara.

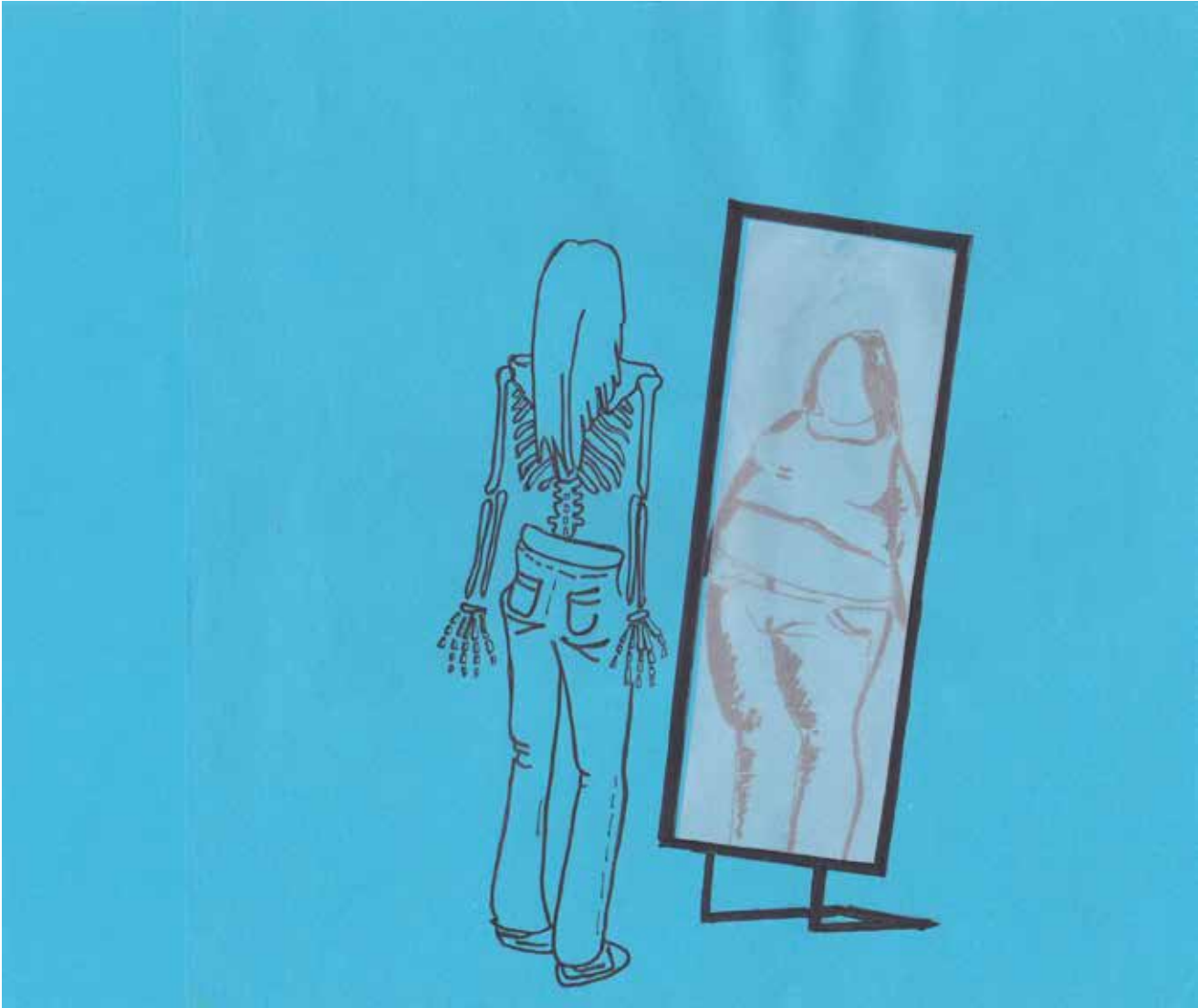
Nessa noite, Sandro não dormiu a pensar em todas as situações que partilhara com Diana desde o seu 8º ano. Percebeu que vinha a ser manipulado, humilhado e por fim agredido num namoro doentio. Relembrou as palavras da mãe e decidiu que terminaria o namoro. Ouviu o telemóvel tocar. Era uma hora da manhã e Diana estava a ligar-lhe. Sandro desligou o telemóvel e foi tentar descansar. Não queria ouvir a voz da rapariga que amava. Tinha receio de voltar atrás na sua decisão.

Eram 7 horas da manhã quando ouviu a campainha da porta da entrada a tocar. Era Diana. Ouviu-lhe a voz a falar com a mãe. Desceu lentamente as escadas.

Ao chegar perto dela, percebeu que ela queria fazer o mesmo jogo de sempre: pedir desculpas e deixar tudo como antes. Porém, esse não era o seu desejo. Disse-lhe que estava tudo terminado, que cada um devia seguir o seu caminho. Ela principiou a chorar, depois disse que não acreditava nele, que o amor deles era maior do que um simples arrufo de namorados. Ele afirmou que a amava, mas que não tinham tido “um simples arrufo”, que ela sempre fora violenta e ele merecia respeito e carinho, não era um “saco de porrada”. Os argumentos começavam a subir de tom e a mãe de Sandro apareceu à porta novamente, desconfiada.

Diana olhou-a com um olhar acusador e culpou-a verbalmente de ter um filho “fraco e maricas” por nem sequer se defender das agressões de uma rapariga...

A mãe de Sandro pediu-lhe que saísse de sua casa e da vida do filho ou chamaria a polícia. Diana saiu de lágrimas nos olhos, mas a rir descontroladamente...



O segredo

A sala de espera encontrava-se limpa e luminosa. Nas paredes havia imagens de alimentos coloridos emoldurados a madeira da cor da mesa com revistas que se encontrava ao centro da sala. Em torno desta havia cadeiras, da mesma madeira, forradas a preto. A parede central, pintada de um cinzento claro, tinha uma janela fechada que dava para um jardim de árvores frondosas, ladeada por um cortinado cinzento-escuro.

Carmen olhava para a mãe com um ar tristonho, desolado e envergonhado. As mãos tremiam-lhe ligeiramente por causa do nervosismo. A mãe sorria-lhe para a tranquilizar. Era a primeira consulta depois de a menina ter sido hospitalizada.

A empregada chamou o seu nome e ambas se deslocaram para o consultório. Foram recebidas por uma médica alta e de caracóis ruivos. A sua boca redonda recebeu-as com um enorme sorriso de boas-vindas e pediu para lhe contarem o que se passara com Carmen.

Foi a mãe que principiou: “A minha Carmen sempre teve falta de apetite desde pequenina. Eu sempre a levava ao médico e pedia vitaminas. Há aqui um ano, ela começou por dizer-me que se sentia inchada, sem apetite e tinha hemorroidas. Ora, a doutora sabe como é, eu comecei a arranjar-lhe legumes cozidos, frutas variadas e umas pomadas na farmácia...”

A doutora incentivou a menina a continuar e ela disse numa voz muito baixa: “A mãe não sabia, mas eu odiava ver a minha imagem no espelho do quarto, achava-me tão gorda! Comecei a vestir roupas largas e negras para cobrir-me melhor. Disse que adorava a cor preta, mas o que eu tinha era vergonha de me ver despida. E andava

cansada demais, nem me apetecia ir para a escola, mas a mãe não me deixava ficar deitada...”

Os olhos da mãe ficaram marejados e ela questionou: “Como é que eu não me apercebi disto?”. A doutora assegurou que era perfeitamente normal, que as crianças conseguem esconder muitas coisas.

Carmen continuou: “ Sempre que um professor falava sobre a obesidade infantil, eu achava que estavam a referir-se a mim e ficava envergonhada, desconfortável. Percebi que tinha que me esforçar muito nas aulas de educação física. Além disso, as refeições na cantina da escola ficavam invariavelmente na sanita, pois eu arrependia-me de comer tanto e vomitava.”

Mais uma vez, a mãe acrescentou: “Ninguém se apercebia e em casa ela não fazia isto, pensava eu. Até que, um dia, cheirou-me mal e encontrei bolos, batatas fritas, restos de carne e outras coisas já estragadas nas gavetas da mesa-de-cabeceira, imagine! Quando a questioneei ela disse que estava com pressa e guardara a comida para o dia seguinte, mas que se esquecera...”

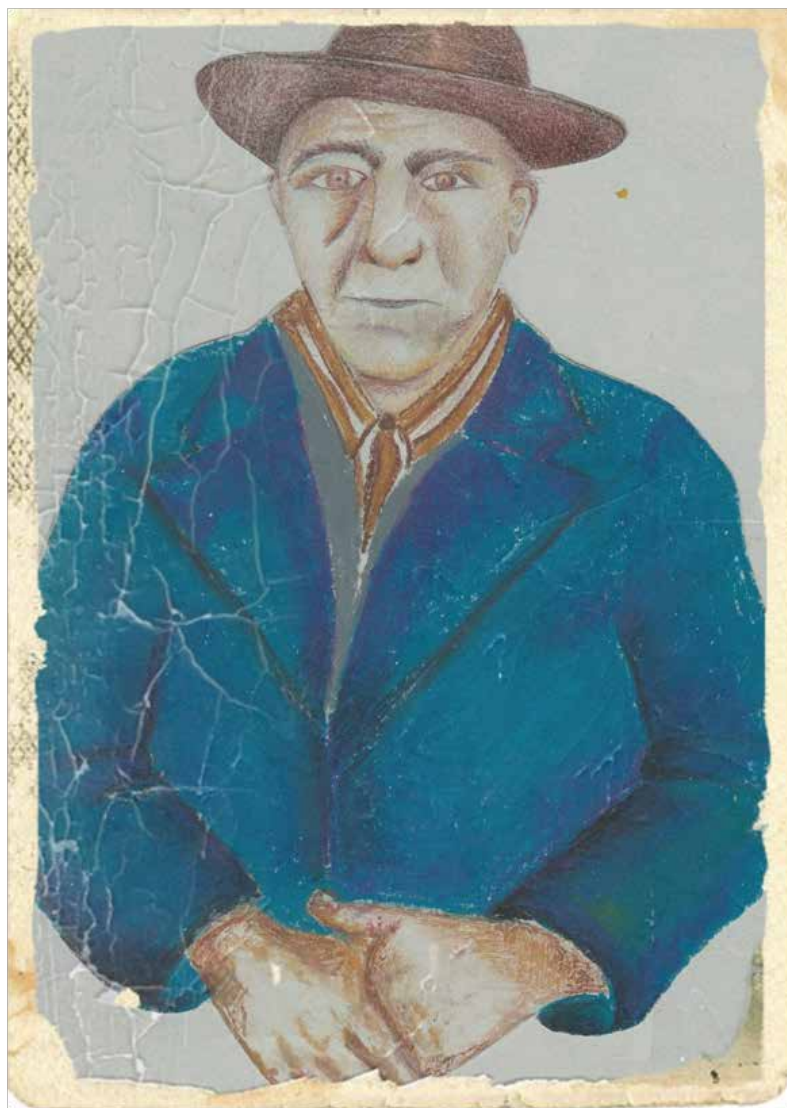
A menina continuou a sua história: “De tanto querer fazer exercício físico, havia dias em que, como vomitava constantemente as refeições, e estava cada vez mais fraca, ficava com tonturas nas aulas. Os professores começaram a desconfiar, mas a mãe ia logo buscar-me e eu não queria ir ao médico, dizia que andava ansiosa.”

A doutora incitou a menina a desenvolver a história, e ela assim fez: “Comecei a ficar intolerante a certos alimentos, e a preocupar-me com as calorias. Pedia à mãe que pesasse tudo o que comia, com a desculpa que algumas coisas me faziam mal.”

A doutora perguntou pelas notas na escola e Carmen afirmou que não conseguia estudar, não se concentrava e mal dormia durante a noite, o que a levou a quebrar completamente o seu rendimento escolar. Ficava irritada com as colegas quando as notas eram baixas, o que fez com que elas se afastassem. Deixou de se alimentar perto das amigas para poder vomitar. Nesta altura a menina começou a chorar. Sentia-se só e abandonada.

A mãe colocou-lhe o braço sobre os ombros e animou-a a continuar: “ Foi numa aula de educação física que me senti muito mal durante o aquecimento e acabei por desmaiar. Chamaram a ambulância e fui para o hospital. Quando me fizeram análises viram logo o que se passava e o meu aspeto físico não deixou dúvidas. Fiquei internada durante duas semanas. E agora estou aqui...”

A doutora compreendia esta história, já a havia escutado inúmeras vezes da boca de muitas meninas como a Carmen. Ela fazia parte de uma equipa médica que dava apoio a pessoas com bulimia. Tinha alguns conselhos a dar à mãe e à filha. Nada estava perdido.



O avô Manuel

A sombra do avô Manuel era alta como a de um pinheiro manso, sobretudo para uma menina de 3 anos. Os seus braços eram o reduto preferido do corpo reduzido dela. As suas pernas eram firmes troncos onde o trabalho árduo da olaria se instalava. O colarinho da camisa quadriculada estava desgastado há muito, bem como as calças de fazenda se encontravam remendadas nos joelhos. As botas grossas, presas por um cordão meio desfiado, tapavam as meias grossas feitas pela avó com três agulhas. Tantas vezes se perguntava, como podia um homem tão robusto, albergar tamanho carinho nas mãos... Não por estas palavras, mas naquelas ideias mínimas que têm as crianças da sua idade, em que tudo à volta parece enorme, porque ela ainda não tinha crescido...

É certo que o rosto do avô carregava já as cicatrizes da vida, bem como o seu pescoço as dores e revezes de um esforço diário, desde pequeno. Mas a paciência das suas palavras, a forma de acarinhar a netinha, davam-lhe, ao mesmo tempo, uma delicadeza que se poderia opor à sua estrutura corporal.

Todas as manhãs, a avó preparava uma gemada feita à base de gema de ovo, açúcar amarelo e um pouco de cerveja preta. A neta via-a fazer-la num copo castanho, com uma rugosidade exterior, e que era um brinde de um detergente para a roupa (depois de bem lavado era muito resistente) mexendo energicamente com uma colher para misturar os ingredientes. Dizia-se que a gemada dava força para o trabalho árduo, ao mesmo tempo que o sangue saía reforçado pela mixórdia deliciosamente doce. Doce como aquele avô maravilhoso.

Com uma família numerosa, nunca deixara que nada lhes faltasse, nem alimentação, nem vestuário, nem saúde. Todos o ajudavam na mesma arte de trazer por casa o barro, de fazer dele fonte de rendimento e utilização pessoal.

Havia sempre tempo para se juntarem em casa do avô Manuel, cada um trazendo um petisco, uma garrafa de vinho e um pão caseiro cozido em forno a lenha.

As noites eram braseiros de amor, numa partilha particular de que só as famílias se podem orgulhar de ter. O palco central era a cozinha, e desde os mais pequenos aos mais velhos, toda a gente tinha direito ao protagonismo das modas alentejanas, cantadas a várias vozes ou a solo. Os mais envergonhados, por cinco tostões, cantavam por trás de umas sacas penduradas em cadeiras.

O avô Manuel tinha uma figueira de tronco largo no quintal, onde cresciam figos verdes e alegrias doces nos olhos e no paladar da netinha.

Havia um burro, de um cinzento particularmente claro, que era preso ao tronco da figueira, com uma corda lassa, onde era alimentado e bebia água fresca. Nessa sombra pardacenta de luz intermitente entre as folhas, abria-se uma cama de palha onde o animal descansava.

A netinha passava muito tempo perto do burro. Conversava com ele, oferecia-lhe os seus bolos de terra, enfeitados de cimbalária, que ele declinava educadamente, desviando o olhar para o lado. Aparentemente, não era fã desses cozinhados. No entanto, esses modos alteravam-se quando ela lhe dava algumas cenouras (mimos colhidos em segredo à cozinha da avó) e observando-lhe os olhos meigos e as dentadas gulosas, acariciava-lhe o focinho. Nessa altura, poderia até subir-lhe para as costas enquanto o burro estava deitado, fantasiando ser uma rainha seguida do seu séquito.

Uma vez, o primo que vinha da América com as novidades da época tirou-lhe uma foto instantânea que a eternizou nessas andanças. A foto guardada sobre a cómoda do avô haveria de manter-se durante muitos anos naquele mesmo lugar, até ganhar pó.

Ao final da tarde, o avô colocava o molim e as cangalhas no burro, atrelava-lhe a carroça de duas rodas com uma grande bilha lá dentro para ir buscar água à fonte, e sentava o seu tesouro com muito cuidado no banquinho de madeira. A menina levava o peito cheio de alegria e o rosto inundado de luz. O avô levava as mãos

nas rédeas e ia incentivando o burro a fazer a caminhada, dando estalidos com a língua, tentando seguir por lugares onde as pedras estivessem menos salientes, para facilitar o carregamento, olhando de soslaio para a sua menina. Ele esboçava o seu meio sorriso, segurando um cigarro de enrolar entre os dentes. Ele adorava levantar o braço para cumprimentar quem passava, orgulhando-se por dizer “sim, esta é a minha netinha, está crescida, não é?”.

Naquele dia, ao chegarem à fonte, o burro empacou. Não quis recuar. O avô tirou a sua menina e tentou controlar aquela criatura teimosa. Mas, por mais que se esforçasse, ele não lhe obedecia. A menina ficou nervosa. Depois de voltas e mais voltas, o burro acabou por ficar preso entre o carro e a fonte, de pernas da frente tombadas para aquele precipício escuro e fundo, zurrando de medo, sem conseguir mover-se.

A menina chorava de medo pelo burro e pelo avô desesperado.

Acudiram alguns amigos aos gritos da menina, do avô e do burro. Traçaram imediatamente um plano com cordas e outros burros para ajudarem o animal. Após o salvamento, todos diziam que o avô Manuel devia dar uma boa sova ao animal e foram dispersando para suas casas.

Mas ele agradeceu a ajuda, acariciou o animal para o acalmar e voltou a colocar-lhe a carga. Pegou no caldeirão e deu-lhe alguma água, após o que encheu a bilha que estava na carroça. Abraçou a netinha, afiançando-lhe que estava tudo bem, limpou-lhe as lágrimas e colocou-a no seu lugar. Depois voltaram, sossegadamente, para casa.

A menina olhava com admiração para o avô Manuel, com a felicidade de quem nunca vacilara perante uma situação tão delicada. Aprendeu uma lição de vida nesse dia. Como sempre aprendia junto de uma figura tão doce, como o avô Manuel.

Dizem que os grandes homens medem-se pela forma como tratam os animais e as crianças, e o avô Manuel tinha um jeito especial para cuidar de todos, incluindo os animais e a sua netinha...



A palhinha

O dia nasceu com um sol muito claro e um mar a entrar pelo céu, de tanto azul. Soprava uma breve brisa e o cheiro a maresia invadia o quarto pela janela do Juvenal.

O rapaz estava a preparar-se para mais um dia de praia. Adorava o mar. Levava uma sandes e um refrigerante, envoltos num saco plástico, dentro da mochila. Verificou o protetor solar. Ainda tinha algumas gotinhas. Estava pronto para sair. Ouviu o toque da campainha. Era o seu amigo Rodrigo.

Despediu-se da mãe e pegou na bicicleta que estava na entrada do jardim da casa. Ambos os rapazes pedalarão até encontrarem mais cinco amigos, e dirigiram-se para a praia mais próxima de casa.

Conheciam aquele lugar desde meninos, e sabiam que podiam estar à vontade, porque ninguém os procuraria. As famílias estavam ocupadas nos seus trabalhos, e eles estavam em férias.

Naquele dia, Juvenal decidiu subir ao penhasco com o Rodrigo e iniciaram os seus saltos mortais para a água do mar. Os outros seguiram-nos, embora existisse uma placa a avisar que era proibido saltar daquele lugar.

Quando estavam cansados, iam deitar-se na praia e comer os lanches. Deixavam as latas de refrigerantes, as palhinhas, os guardanapos de papel e os sacos plásticos metidos na areia. Era uma prática habitual. Raramente se preocupavam com o lixo ou com a vida marinha, apesar das advertências na escola.

Após o lanche, jogavam andebol ou futebol até à hora do almoço. Mas nesse dia, algo lhes despertou a atenção. Ao longe, via-se um vulto na água, e não conseguiam descortinar o que seria. Aproximaram as mãos dos olhos, tentando protegê-los do sol, mas não percebiam de que se tratava. Lançaram-se à água, e quando se aproximaram, não foram capazes de evitar o espanto e incredibilidade.

Uma tartaruga lutava pela vida, enleada numa rede de pesca. Tentaram soltá-la, mas não tinham algo afiado

para a libertar, pelo que tiveram que a arrastar para a praia. O Rodrigo tinha um pequeno canivete na mochila e foi busca-lo. Não foi fácil desembaraçar o animal daquela prisão, mas finalmente foram bem-sucedidos. No entanto, verificaram que algo estava preso nas suas narinas. Ela mal conseguia respirar. Tentaram puxar com as mãos, mas estava preso e era impossível retirar sem um alicate. Como a casa de Juvenal era a mais próxima, ele pegou na bicicleta e rapidamente foi buscar o alicate. A miserável tartaruga emitia sons de dor, e o sangue escorria-lhe pela boca. Dificilmente ficava quieta, estava muito assustada. Os rapazes não desistiam dela, mas alguns quase choravam ao ver a situação em que a tartaruga se encontrava. Quando, por fim, conseguiram extrair o objeto ficaram estupefactos: era uma palhinha como aquelas com que bebiam os refrigerantes. Assim que soltaram a pobre tartaruga e a devolveram ao mar, o silêncio abateu-se sobre eles. Os seus pensamentos estavam em sintonia. Desde sempre tinham ignorado todo um habitat terrestre e marinho. Precisavam modificar as suas atitudes. Tinham que respeitar a natureza. Precisavam fazer mais para ajudar a natureza...

Índice

Prefácio	3
Enquadramento	5
Mendigando (direitos humanos, escravatura, os emigrantes...)	7
A fuga do fogo (prevenir incêndios em casa e no campo, prevenção de crime florestal...)	11
Da boca (violência doméstica, direitos da família, gestão financeira em casa, igualdade de género...)	15
O buraco negro (influências dos amigos, tomadas de decisão, problemática das drogas...)	19
Prisão (os perigos das redes sociais, proteção de dados, partilha de intimidade, pedofilia...)	23
O jogo da vida (os perigos da “adição” aos jogos virtuais, proteção de dados, a agressividade nos jogos...)	27
A boneca (a importância dos animais de estimação, o bullying na escola, formas de se proteger...)	31
Lúcia (as diferentes etnias, outros costumes, aculturação, minorias, diferenças...)	35
Amor e mais amor (a violência no namoro, o que é aceitável, sinais de alerta...)	39
O segredo (anorexia, bulimia, sinais de alerta, educação alimentar...)	45
O avô Manuel (os valores da família, como eram/são vistos os membros da família, que cuidados exigem os animais...)	49
A palhinha (importância da vigilância familiar, civismo perante a natureza, os perigos da poluição...)	53
Índice	55

